

Entrevista de KEN WILBER a Shambhala:
Sobre o lançamento de *Boomeritis* e a conclusão do *Volume 3* da
Trilogia Kosmos

27 de março de 2002

Tradução de Ari Raynsford (www.ariraynsford.com.br)

Revisão de Darcy Brega

Shambhala: Gostaríamos de falar com você sobre seu romance *Boomeritis*¹ que será lançado em poucos meses – especialmente sobre alguns dos modelos da vida real para seus personagens, como você o escreveu e o extraordinário burburinho que está se formando em torno dele. Mas, antes disso, estão dizendo que você concluiu a redação do *Volume 3* da *Trilogia Kosmos*.

KW: Parece que sim.

Shambhala: Parece que sim?

KW: Bem, eu meio que me deparei com ele, ou tropecei nele, ou algo assim. O *Volume 1* é *Sexo, Ecologia, Espiritualidade* e o *Volume 2* ainda não foi concluído, embora eu talvez já tenha 1.000 páginas escritas. De qualquer forma, o *Volume 3* foi provisoriamente intitulado *The Spirit of Post/Modernity*, e era sobre o pós-modernismo genuíno – ou seja, o pós-pós-modernismo – e eu tinha a maior parte já escrita na minha cabeça. Porém, recentemente, comecei a aproveitar excertos dele em vários textos. Usei uma parte na resposta a Habermas e Weiss ("On the Nature of a Post-Metaphysical Spirituality: Response to Habermas and Weiss"²). Eu também usei partes do *Volume 3* em vários Adendos gratuitos a *Boomerite* (muitos publicados no site da Shambhala). Em seguida, nas últimas duas semanas, escrevi um livro de 250 páginas chamado *Kosmic Karma*, sobre um pluralismo metodológico integral, e coloquei muito do restante do *Volume 3* nele. Se você somar todos esses textos, são cerca de 800 páginas escritas nos últimos cinco meses, e temo que elas sejam o *Volume 3* como eu havia planejado. Assim, nos próximos meses, reunirei todo esse material e o apresentarei em um único volume. Ainda mantere os Adendos como publicados e adicionarei um breve resumo de

¹ Lançado no Brasil como *Boomerite – Um Romance que Tornará Você Livre*. (N.T.)

² "Sobre a Natureza de uma Espiritualidade Pós-Metáfrica: Resposta a Habermas e Weiss", publicado em www.ariraynsford.com.br. (N.T.)

Kosmic Karma como Adendos I e J. Mas o material será retrabalhado e integrado com as outras peças, incluindo as 250 páginas que não apareceram em nenhuma parte. Qualquer que seja o título definitivo do *Volume 3*, ele é sobre a abordagem pós-pós-moderna, pós-kantiana, pós-metafísica, pós-verde e pós-ontológica do Kosmos.³ Oh Deus, parece incrivelmente enfadonho!

Shambhala: Então, você vai liberar o *Volume 3* antes do *Volume 2*?

KW: Parece que sim. Há algo de histericamente engraçado em fazer isso, você não acha?

Shambhala [rindo]: Digamos que é incomum. O ensaio sobre pós-metafísica ("On the Nature of a Post-Metaphysical Spirituality: Response to Habermas and Weiss") já causou um grande rebuliço, aqui e no exterior, especialmente na Alemanha. Presumivelmente, o *Volume 3* fará o mesmo. Algum comentário sobre isso?

KW: Eu acho que este é um momento realmente eletrizante para fazer esse tipo de pesquisa teórica, desde que ela complemente, e não substitua, a prática espiritual real. Como você sabe, meu trabalho é basicamente um convite à prática, não um substituto para ela. Mas a grande questão é que, agora, pela primeira vez na história, temos acesso aos insights das grandes tradições de sabedoria pré-modernas, somados à virada naturalística das tradições modernas e à virada linguística das tradições pós-modernas. Honrar todas essas viradas – pré-moderna, moderna e pós-moderna – e tentar encontrar um modo de respeitar, reconhecer e incluir cada uma de suas contribuições, sem absolutizar nenhuma delas, é realmente desafiante e importante. De qualquer forma, é isso que o *Volume 3* tenta fazer.

Shambhala: Você usa a matriz AQAL para essa abordagem?

KW: Bem, tenha em mente que a matriz AQAL [All Quadrants, All Levels] – "todos os quadrantes, todos os níveis" – é apenas um acrônimo para dois itens encontrados em praticamente todas as culturas do mundo. "Todos os quadrantes" significa simplesmente as quatro dimensões básicas do Eu, Nós, Isto e "Istos" – ou

³ Wilber reinterpreta esta palavra em seu livro *Sexo, Ecologia, Espiritualidade* com a seguinte observação: "Os Pitagóricos introduziram a palavra *Kosmos* que, normalmente, traduzimos como 'cosmos'. Mas o significado original de *Kosmos* era a natureza de padrões ou de processos de todos os domínios da existência, da matéria para a matemática para o divino, e não simplesmente o universo físico, que é o significado usual das palavras 'cosmos' e 'universo' hoje... O *Kosmos* contém o cosmos (ou fisiosfera), bio (ou biosfera), noo (ou noosfera) e teo (teosfera ou domínio divino)..." (N.T.)

simplesmente os "Três Grandes" do Eu, Nós e Isto – que existem em todos os idiomas humanos. Ou seja, todos os principais idiomas têm pronomes de primeira, segunda e terceira pessoas. E o têm porque, à medida que os idiomas evoluíram ao longo do tempo, eles se adaptaram a essas dimensões muito reais. Existem dimensões de primeira pessoa de estar no mundo, dimensões de segunda pessoa de estar no mundo, dimensões de terceira pessoa de estar no mundo. O que eu sugiro é que, por um lado, não marginalizemos ou reprimamos nenhuma dessas dimensões e, por outro, não absolutizemos e privilegiemos indevidamente nenhuma delas.

Essa é a parte "todos os quadrantes". A parte "todos os níveis" significa que a maioria das culturas humanas reconhece algum tipo de espectro de consciência. No mínimo, todos os humanos ficam acordados, sonham e dormem profundamente; portanto têm acesso a estados de consciência densos, sutis e causais. Desse modo, juntar esses dois itens simplesmente sugere que cada estado principal de consciência pode ser abordado em perspectivas de primeira, segunda e terceira pessoas: donde "todos os quadrantes, todos os níveis" ou AQAL.

A matriz AQAL não é algo que eu inventei. Seus ingredientes básicos são encontrados transculturalmente, embora sejam interpretados de maneira diferente de cultura para cultura. Como falei, todos os humanos ficam acordados, sonham e dormem profundamente, e todos os humanos têm perspectivas de primeira, segunda e terceira pessoas: em outras palavras, todos existem no espaço AQAL.

Ora, eu tenho minha própria versão da matriz AQAL – que inclui ondas, correntes, estados, tipos e assim por diante – mas essa é apenas a minha versão. Outros teorizadores integrais têm suas versões. Porém, o único ponto que realmente enfatizo é que, se você não incluir todos os quadrantes em todo o espectro de possibilidades humanas, não será tão integral quanto poderia ser.

Shambhala: Então, o *Volume 3* explora todos esses temas.

KW: Sim, particularmente no que se refere aos vários modos de investigação que os seres humanos têm à sua disposição para enagir⁴ e explorar esse espaço AQAL cocriado. Parece-me que o que queremos evitar são vários tipos de absolutismos. Ocorre o absolutismo de quadrante, quando você insiste em que apenas um quadrante ou uma perspectiva é válida. Por exemplo, o cientificismo confere realidade apenas às ocasiões que podem ser vistas pela perspectiva de

⁴ *Enagir* é um neologismo cunhados pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela a partir da expressão espanhola *en accion*, com o significado de *atuar*. (N.T.)

terceira pessoa e nega veementemente realidade a todos os fenômenos de primeira e segunda pessoas. A hermenêutica pós-moderna concede realidade principalmente ao campo intersubjetivo e suas ocasiões de segunda pessoa; todas as dimensões objetivas ou de terceira pessoa de estar no mundo têm a existência veementemente negada, e assim por diante.

Da mesma forma, existe o absolutismo de onda, no qual apenas as realidades, valores e fenômenos que podem ser vistos a partir de sua onda de consciência têm alguma validade. O materialismo científico acredita que apenas os eventos percebidos pela onda Laranja são reais. O pluralismo participativo acredita que apenas os eventos vistos a partir da onda Verde são reais, e assim por diante. Da mesma forma, há absolutismo de corrente, absolutismo de estado e absolutismo de tipo, para citar os mais proeminentes.

Infelizmente, a maioria dos campos hoje são dominados, por um lado, pelo modernismo – que é um absolutismo de quadrante (apenas terceira pessoa), um absolutismo de onda (apenas laranja), um absolutismo de estado (apenas acordado) e um absolutismo de tipo (apenas masculino) – e, por outro lado, pelo pós-modernismo – que é um absolutismo de quadrante (apenas segunda pessoa), um absolutismo de onda (apenas verde), um absolutismo de estado (apenas acordado) e, frequentemente, um absolutismo de tipo (apenas feminino).

Não é preciso dizer que essa não é uma boa maneira de tratar o Kosmos. Esses absolutismos são o tipo de coisa que quero tentar evitar com um pluralismo metodológico integral. Assim, essa é uma grande parte do que trato no *Volume 3* – utilizar todos os modos de investigação disponíveis para enagir e incluir todos os quadrantes, todas as ondas, todas as correntes, todos os estados, todos os tipos – e não violentar o Kosmos ao selecionar uma faixa estreita deles e condenar todos os outros.

Shambhala: Quando você espera que o *Volume 3* esteja pronto?

KW: Eu diria que por volta dessa época no ano que vem.

Shambhala: E uma pequena prévia do *Volume 3* será publicada neste site como Adendos I e J?⁵

KW: Sim, isso mesmo. Ainda acho meio estranho lançar o *Volume 3* antes do *Volume 2*. Ei, surgiu-me uma ideia: o *Volume 2* poderia ser sobre o "Vazio" e eu escreveria um livro com 800 páginas em branco. Dessa forma, eu poderia

⁵ Esses Adendos não foram publicados. Ver nota 6. (N.T.)

apresentar o *Volume 2* agora, depois o *Volume 3*. O *Volume 2* seria bem zen: o livro que não é livro.

Shambhala [rindo]: Boa ideia! Falando desses Adendos a *Boomerite*. Como você começou a fazer isso e por quê? Eles realmente têm muito a ver com *Boomerite*?

KW: Não, eles não têm, não realmente. É meio complicado. Comecei a escrever *Boomerite* como um tratado acadêmico. Acabei escrevendo um livro – uma crítica de 350 páginas ao pós-modernismo, ou melhor, ao pós-modernismo radical. Mas assim que o concluí, percebi que, na verdade, não queria publicá-lo. Eu estava uma ou duas semanas atrasado para entregá-lo e decidi não o publicar.

Shambhala: Por quê?

KW: Bem, era basicamente um livro crítico, um livro negativo, e esse tipo de coisa não me interessa muito. Apesar do que alguns críticos acham, realmente não me sinto confortável em criticar outras visões, e fiz isso no passado apenas quando essas visões alegavam ser abrangentes ou integrais, mas, na verdade, pareciam estar omitindo muitos pontos importantes. Nunca critiquei as verdades importantes da ecologia, mas apenas as tentativas de reduzir todos os interiores à teia da vida exterior. Nunca critiquei as verdades importantes do pluralismo, mas apenas a metateoria universal do pluralismo que afirma não existir universais, e assim por diante. Começando em *Sexo, Ecologia, Espiritualidade*, e não antes, eu lancei uma série de Notas Finais polêmicas, retrucando o tom condenatório desses críticos, o que, é claro, me tornou permanentemente querido por eles.

Mas nunca escrevi um livro inteiro que fosse basicamente crítico. Comecei a reler o livro e, no capítulo 3, percebi: bem, não consigo fazer isso... Simplesmente não sou eu.

Shambhala: Você não entrou em pânico por ter apenas algumas semanas para cumprir o prazo?

KW: Com certeza. Eu também fiquei preocupado com o que fazer com o material. Isso foi por volta de janeiro passado. Eu me sentei e, em um período um pouco doido de 10 dias, peguei o manuscrito acadêmico e o transformei em um romance. [Rindo] Esta talvez não tenha sido a melhor ideia que já tive. Ou seja, quão idiota ela foi? Você deseja que um romance seja realmente interessante? Então despeje 300 páginas de um lixo acadêmico incrivelmente enfadonho nele, certo? Isso fará com que esse bichinho de estimação cresça rapidamente.

Shambhala: Mas o livro é uma bomba, um dos livros mais divertidos e engraçados que existe. Os críticos dizem coisas como "Vapt-vupt! Hilariante!" Aqui está o que George Leonard escreveu: "Uau! Há tanta coisa em *Boomerite* que eu admiro: a assustadora erudição de Wilber (até mesmo sobre cultura popular), sua amplitude de escopo e espírito, sua coragem. É ousado, chocante, vívido, engraçado, comovente e, como todos os grandes livros, provavelmente será muito elogiado e produzirá ataques virulentos."

KW [rindo]: O editor pediu para você fazer essa propaganda aqui?

Shambhala: Eu pensei nisso sozinho. Sério, o comentário que ouço com mais frequência é que é o livro mais engraçado que alguém já leu em muito tempo. E a única razão pela qual estou trazendo isso aqui é que, pelo que acabou de nos contar sobre como o romance foi sobrecarregado, desde o início, com centenas de páginas de material acadêmico entediante, é muito difícil perceber como você conseguiu transformá-lo em uma leitura que gera reações do tipo "Uau!".

KW: Oh, entendo. Bem, o que eu tentei fazer foi... vejamos: a ideia era que não deveria haver mais do que dois parágrafos de material acadêmico por vez; tinha de haver algum tipo de pausa. Portanto, criei a estrutura narrativa em torno desse requisito. Como você percebe ao ler o livro, o resultado é uma espécie de série de episódios da MTV, com sequências fantasiosas e...

Shambhala: Muitas delas proibidas para menores.

KW: Sim, e isso é uma história em si. Acabaram surgindo vários enredos, sequências fantasiosas, momentos de "recorte e cole" tipo MTV e – espalhados por tudo isso – o material acadêmico, mas de forma reduzida e simplificada. Grande parte do material acadêmico é apresentado em Notas Finais e Adendos.

Shambhala: Notas Finais em um romance...

KW: Outra ótima ideia, não é? Tudo o que precisava fazer agora era escrever longos capítulos no idioma croata para torná-lo um *best-seller* infalível.

Shambhala: Daí aquele período de 10 dias...

KW: Esse período foi para elaborar um rascunho entrelaçando todo esse material, apenas para ver se funcionaria. Parecia que sim, então comecei a reescrever o texto com uma série de acréscimos, Notas Finais, Adendos etc. Esse processo acabou durando 5 ou 6 meses intermitentes. Mas nenhum desse material aparece no romance. Nele não há Notas Finais nem Adendos, nada disso. Eles foram publicados apenas no site da Shambhala.

Shambhala: Vamos a alguns detalhes sangrentos. O personagem principal tem o seu nome. Os críticos vão fazer a festa com o seu narcisismo.

KW: No mínimo. Eis de onde veio isso. O plano era que eu estava começando com uma crítica acadêmica do pós-modernismo – isto é, do pós-modernismo radical, que é ao que me refiro quando digo pós-modernismo – e tentando transformá-la em um romance, um desses planos realmente brilhantes como sorvete com sabor de aspargos. Então, surgiu-me a ideia um tanto complicada de que, para realçar de fato essa idiotice, o romance teria de exemplificar tudo o que criticava.

Shambhala: Porque...

KW: Porque o pós-modernismo é basicamente uma postura crítica – você desconstrói tudo o que outros disseram. E, portanto, qualquer romance verdadeiramente pós-moderno teria que se desconstruir, ser crítico de si mesmo, e isso significa que o romance deveria conter tudo o que critica. [Rindo] Veja, outro ponto para fazer do livro um *best-seller*.

Shambhala: Mas como o livro ficou tão engraçado, já que o pós-modernismo não tem nenhum senso de humor?

KW: Bem, quando você realmente começa a debochar de si mesmo, é contagiante, não acha? O pós-modernismo simplesmente não entende sua própria piada.

Shambhala: OK, então o romance tinha de conter tudo o que criticava.

KW: Sim. E uma vez que uma das coisas que principalmente se critica é um tipo de narcisismo desenfreado – "boomerite" significa um tipo de narcisismo – então, se você deve exemplificar o que critica...

Shambhala: Nomeie o personagem principal com o nome do autor do livro para exemplificar o que critica.

KW: Você captou a ideia. Enfim, esse personagem...

Shambhala: Críticos rápidos no gatilho dirão que é o seu próprio narcisismo.

KW: Sim, claro, mas se o livro estivesse cheio desse tipo de narcisismo, você não acha que meus editores, amigos e colegas seriam capazes de identificá-lo e ajudar-me a apagá-lo? Você realmente acha que uma forma tão flagrante de narcisismo – dar o seu nome ao personagem principal – passaria despercebida e sem contestação? Não, o narcisismo que existe é intencional e deliberadamente exagerado, até mesmo desvairadamente exagerado; faz parte da brincadeira

intrínseca ao livro. A verdade é que todos nós, *Boomers*, temos algum grau de narcisismo, são ossos do ofício; isso é parte do que trata o livro. Podemos admitir nosso narcisismo e chegar a um acordo com ele, ou podemos negá-lo e percebê-lo apenas nos outros.

Shambhala: Veja, os críticos simplesmente não perceberão nenhuma das sutilezas do que você está falando. A crítica mais comum será que o autor é narcisista.

KW: Sim, o autor é narcisista; esse é o ponto principal. Todos nós somos – incluindo os críticos. E o que você faz com isso é o que conta, como você lida com o narcisismo, como você o confessa e segue em frente, supera-o. O romance está estruturado em torno da exposição do narcisismo em suas várias formas para ajudar aqueles que desejam superá-lo. Mas é claro que estamos juntos nesse jogo narcisista.

Shambhala: Você dá diversos exemplos no livro. O "novo paradigma", por exemplo.

KW: Sim, ao que parece, todo *Boomer* tem o novo paradigma. Pense sobre isso: eu tenho o novo paradigma mais revolucionário da história do mundo, que dará início a uma transformação social de proporções sem precedentes... As intenções são tão boas, tão nobres e tão admiráveis, mas são exageradas, infladas e ampliadas por um narcisismo desenfreado que conhece poucos limites. O livro tenta nos ajudar a reconhecer os pontos positivos de algumas dessas ideias, mas também tenta eliminar o narcisismo delas e devolvê-las a algum tipo de sanidade básica e humildade realista. E faz isso exagerando o narcisismo e tornando difícil ignorá-lo.

Novamente, não estou dizendo que estou livre de tal narcisismo, porque, honestamente, creio que todos nós o possuímos em algum grau; o livro é simplesmente um convite para olharmos juntos para essa confusão e ver o que podemos fazer a respeito.

Shambhala: Outra crítica importante será que Derek Van Cleef é você em pessoa.

KW: Sim, acho que você está certo.

Shambhala: Diga ao público quem é Van Cleef.

KW: Ele é um dos personagens que tenta desenvolver uma abordagem integral para várias questões. Derek é incrivelmente inteligente, mas também muito agressivo, irritadiço, nervoso, volátil. Seus críticos o chamam de fascista.

Shambhala: Ele foi baseado em alguém real?

KW: Sim, um homem extraordinariamente brilhante que conheci, que acabou se suicidando, sinto dizer. Eu amei de fato esse cavalheiro, mas ele sempre foi, para mim, um lembrete do que acontece quando você simplesmente tenta pensar o seu caminho sobre questões espirituais, sem realmente engajar-se na prática espiritual. O intelecto é um servo fantástico, mas um amo terrível. De certa forma, tudo indica que ele simplesmente se desesperou com essas ideias

Shambhala: OK, você havia começado a dizer algo sobre o personagem principal.

KW: Pareceu-me que a melhor maneira de falar sobre boomerite seria do ponto de vista de um estudante universitário contemporâneo cujos pais têm problemas com ele.

Shambhala: Então, Ken tem vinte e dois anos e seus pais são *Boomers* de cinquenta e poucos anos...

KW: Sim. Ele está cursando Inteligência Artificial (IA) no MIT e está tentando descobrir o que acontecerá quando a IA criar os primeiros computadores verdadeiramente autoconscientes. Para ter uma ideia do que acontecerá quando o Silício se tornar consciente, ele decide pesquisar como o mundo do Carbono se tornou consciente – e especialmente como a consciência evolui ou se desenvolve nos humanos.

Shambhala: É por isso que ele acaba chegando ao *Centro Integral*.

KW: Sim, exatamente. O *Centro Integral* baseia-se livremente no *Integral Institute* – novamente, se desejamos um bom romance pós-moderno, tem de haver algum tipo de componente narcisista nele, porque o pós-modernismo inteiro é autorreferencial. De qualquer forma, no *Centro Integral* ele aprende sobre a *Espiral do Desenvolvimento* – que se baseia em um modelo de escada simples tipo Wilber-2, para que o romance não ficasse muito pesado.

Shambhala: Os Adendos expandem esse modelo.

KW: Sim, os Adendos apresentam um modelo mais integral ou modelo AQAL. Mas o romance em si usa apenas um tipo de escada simples, o que é suficiente para transmitir os pontos principais.

Shambhala: Os críticos dirão que você acredita realmente nesse modelo de escada.

KW: Mas eles vêm dizendo isso há 15 anos.

Shambhala: Então, ele chega ao *Centro Integral*...

KW: E fica obcecado com um pensamento: parece que a Espiral de Desenvolvimento está indo em direção a algum tipo de ponto Ômega final, um tipo de consciência cósmica plenamente desenvolvida...

Shambhala: Mas você também não acredita nisso.

KW: Não, não dessa forma grosseira. Na minha opinião, o ponto "Ômega" real, ou essência não dual final, está sempre presente; não é o limite derradeiro de algum tipo de desenvolvimento ou evolução, embora a essência possa ser descoberta mais facilmente com o aumento do desenvolvimento; nesse sentido, o desenvolvimento é importante. Mas o Ômega final não é o degrau mais alto de algum tipo de escada, e sim a essência sempre presente de todos os degraus, ou a madeira com a qual a escada é feita.

Shambhala: Lamento lembrar os críticos, mas eles dirão que você realmente acredita que o Espírito é o nível mais elevado ou algo assim.

KW: Sim, eu sei, é o que os críticos fazem. O ponto principal do livro tem a ver com a radiosa limpidez da consciência sempre presente e com o fato de que ela não pode ser alcançada por meio de qualquer tipo de desenvolvimento no mundo do tempo.

Shambhala: OK, então ele está obcecado com o pensamento...

KW: Já que ele acredita que o desenvolvimento no mundo do Carbono está caminhando para um grande ponto Ômega, então, quando o Silício se tornar consciente, ele também começará a se dirigir para esse mesmo ponto Ômega. E ele fica obcecado com o pensamento: quem vai descobrir Deus primeiro, em uma escala abrangente – o Carbono ou o Silício?

Shambhala: Mas há um sentido em que a descoberta da consciência sempre presente se torna mais fácil quanto mais você evolui...

KW: Isso mesmo. A noção do personagem de algum tipo de Ômega não está totalmente incorreta; ela simplesmente não faz justiça a todas as sutilezas envolvidas; mas, francamente, é o tipo de noção simples que você precisa para desenvolver um enredo. [Rindo] Simplesmente não há muito suspense que você possa criar a partir de "todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados, todos os tipos". O máximo de suspense que você pode induzir disso é: "Hein?".

Shambhala: No romance, todo o material acadêmico do *Volume 1* concentra-se no *Centro Integral*?

KW: Sim. Mas de uma forma muito simplificada, com uma boa parte descarregada em cerca de 150 páginas de Notas Finais (que serão publicadas neste site) e cerca de 400 páginas de Adendos e pós-escritos (também publicados, ou a serem publicados em breve, neste site).⁶

Shambhala: Mas, como estávamos dizendo, esses Adendos não têm muito a ver com o romance em si.

KW: Não, na verdade não. É só que a pesquisa para a primeira versão do livro, a versão acadêmica – que também fez parte da pesquisa para o *Volume 3* da *Trilogia Kosmos*, a obra sobre o pós-pós-modernismo – tudo meio que ocorreu ao mesmo tempo. Assim, eu tinha essa crítica muito densa, AQAL, do pós-modernismo. E, quando elaborei a versão do romance, só pude usar um modelo de Fase Wilber 2 muito simplificado; isso era um problema, porque eu realmente precisava fazer algum tipo de apresentação de Fase 4 sobre essas questões. Desse modo, fui forçado, por assim dizer, a começar a apresentar partes do *Volume 3* nesses Adendos a *Boomerite*, que explicariam minha posição real, e não simplesmente apresentar o material da Fase Wilber 2, como no romance.

Shambhala: Então, foi assim que você, inadvertidamente, acabou escrevendo o *Volume 3* nesse período.

KW: Sim, foi praticamente isso.

Shambhala: Algumas pessoas estão tentando criticar o romance com base nos Adendos.

KW: Os Adendos não dão ideia de como é o romance. O romance e os Adendos não estão relacionados em nenhum sentido narrativo ou literário. Provavelmente, não foi uma boa ideia continuar com os personagens nos Adendos e nas Notas Finais. Mas, sabe como é, você começa por um caminho particular que parece fazer sentido no momento. Porém, a verdadeira crítica de boomerite só pode ser desenvolvida a partir da matriz pós-metafísica AQAL, delineada no *Volume 3*. Assim, quando comecei a criticar boomerite, grande parte do *Volume 3* foi,

⁶ Os Adendos são: "A. Quem Comeu o Capitão Cook?", "B. Os Muitos Nomes dos Níveis de Consciência", "C. Laranja e Verde: Níveis ou Primos?", "D. Espiritualidade na Infância", "E. O Gênio Descartes Leva uma Surra Pós-Moderna", "F. Samsara Participativo", "G. Estados e Estruturas" e "H. Budismo Boomerite", todos publicados em www.ariraynsford.com.br. (N.T.)

inevitavelmente, despejado nas Notas Finais e nos Adendos do romance. Mais uma ideia fantástica para um *best-seller*!

Shambhala: Portanto, todo os pontos complexos estão nos Adendos e no novo livro *Kosmic Karma*, e o material acadêmico simplificado, está, no romance, nas partes sobre o *Centro Integral*. E os pontos complexos serão publicados juntos no *Volume 3*?

KW: Sim. E, no romance, a *Associação dos Estudantes de Harvard* patrocina uma série de palestras chamadas "Fases Intoleráveis do Futuro", e uma delas, chamada "Boomerite", é ministrada pelo *Centro Integral*. E Ken participa dela.

Shambhala: Um elenco de personagens se apresenta no *Centro Integral*, alguns deles reais, outros fictícios...

KW: Sim. Como um dos princípios fundamentais do pós-modernismo é que não há diferença real entre fato e ficção, ou entre ciência e mito, um romance genuinamente pós-moderno teria que tornar a linha entre personagens reais e personagens fictícios indefinida. Metade dos personagens são reais, metade são inventados.

Shambhala: Novamente, o livro deve exemplificar o que critica...

KW: Correto. Existe uma duplicidade pós-moderna em cada ponto.

Shambhala: Isso não deve ter sido fácil de escrever.

KW [rindo]: Nem me diga.

Shambhala: Um dos personagens reais mais proeminentes é Stuart Davis, o jovem cantor e compositor cujos CDs incluem *Kid Mystic* e *Bright Apocalypse*. Stuart está, talvez, com 30 anos e é um de seus melhores amigos. Como você o conheceu?

KW: Stuart me enviou *Kid Mystic*, um de seus CDs realmente excelente, e combinamos de nos encontrar. A propósito, se você estiver curioso, esses primeiros encontros foram relatados em *One Taste*.

Shambhala: Não sei o quanto você quer revelar, então não responda se não quiser. Mas houve vários eventos na vida de Stuart – em sua vida real – que ocorreram enquanto você escrevia o romance, e esses eventos, por um acaso extraordinário, pareciam quase exatamente iguais aos que você estava escrevendo no romance ao mesmo tempo. Você gostaria de falar sobre isso?

KW: OK, um pouco, com certeza. Eu estava escrevendo... vamos ver, como posso apresentar isso? Eu preciso recuar um pouco. Você está mencionando aquelas sequências fantasiosas no romance?

Shambhala: As fantasias nojentas, pornográficas, obscenas e proibidas para menores – você está se referindo a essas?

KW [rindo]: Elas não são tão explícitas assim! De qualquer forma, sim, a cada 10 minutos de leitura do romance, surgem essas curtas sequências fantasiosas, que são de fato proibidas para menores. O leitor fica se perguntando o que elas significam, por que estão lá, até por volta do capítulo 3, quando alguém indica que, de acordo com pesquisas – e essa parte é verdadeira – o homem médio de vinte e poucos anos tem uma fantasia sexual proibida para menores a cada 10 minutos.

Shambhala: Devo confessar que quando você percebe o que elas significam, é hilariante.

KW: Sim, são fantasias proibidas do rapaz de 22 anos que está escrevendo a história; portanto, é natural que a cada 10 minutos elas ocorram na narrativa. Como este é um romance pós-moderno autorreflexivo, você tem de incluí-las. Assim, o que acontece é que essas sequências fantasiosas – que estão em negrito no romance – começam a contar uma história. Uma história real desenrola-se no âmbito da história mais ampla do próprio romance.

Shambhala: Mais duplicidades do pós-modernismo, mais pós-modernismo voltado para si mesmo?

KW: Sim, múltiplas narrativas por toda parte, contextos dentro de contextos indefinidamente. Assim, a história que se desenrola nessas sequências fantasiosas é... bem, vamos apenas dizer que a história começa puramente proibida para menores, fantasias típicas de um adolescente masculino, com sexo intenso, mecânico, anônimo, frequente e sem nenhum sentido. Porém, ao longo do romance, esses encontros eróticos assumem cada vez mais uma natureza tântrica – eles evoluem de sexo meramente físico para um abraço erótico de todo o Kosmos, uma pura consciência cósmica. Provavelmente, a mensagem central do romance ocorra, de fato, nas sequências fantasiosas.

Shambhala: Isso também é intencional?

KW: Sim, uma vez que não há diferença entre fato e fantasia, a verdadeira mensagem está na fantasia.

Shambhala: E o Stuart...

KW: Então, enquanto eu escrevia essas sequências, Stuart estava em um relacionamento romântico no qual exatamente – e enfatizo *exatamente* – a mesma coisa estava acontecendo. Ele se envolveu com uma mulher maravilhosa, a princípio por razões meramente sexuais – ela era incrivelmente bonita – e depois o relacionamento explodiu tantricamente e Stuart vivenciou uma consciência cósmica durante uma semana inteira.

Quando soube disso, não acreditei. Pedi a ele para escrever a história inteira – cerca de 20 páginas – e incluí seu relato, literalmente, no romance. Quase todas as frases que Stuart diz no romance foram escritas pelo próprio Stuart.

Shambhala: Outro exemplo de duplicidade entre fato e ficção.

KW: Certo, mas ainda mais que isso. Como se vê no romance, que se supõe ser ficção, há o relato factual do episódio da vida real de Stuart, que ocorre em paralelo à sequência fantasiosa dentro do próprio romance. Isso é super pós-modernismo.

Esta é minha parte favorita da duplicidade pós-moderna completa, uma espécie de brincadeira privada que Stuart e eu fizemos. Na contracapa do romance há um comentário do verdadeiro Stuart Davis. Diz, entre outras coisas: "acima de tudo, os personagens deste romance são tão adoráveis!". Em outras palavras, Stuart está, na verdade, se elogiando – exemplificando o narcisismo e boomerite que o romance critica (e personifica).

Shambhala: Nenhum crítico jamais notaria isso.

KW: Bem, é uma brincadeira privada, mas acho que a maioria das outras brincadeiras são bastante óbvias, espero.

Shambhala: OK, além de vários personagens reais, existem os fictícios. Mas alguns deles foram baseados em pessoas da vida real, certo? Como Van Cleef.

KW: Sim, de certa forma.

Shambhala: Uma das personagens favoritas de todos – certamente a favorita dos rapazes – é Chloe. Chloe está na narrativa principal, mas também está no centro das sequências fantasiosas proibidas para menores. O modelo óbvio para Chloe parece ter sido sua esposa, Marci.

KW: Em muitos aspectos, sim. Todos nós nos referimos a Marci como "uma fonte de Shakti". Ela é um dos seres humanos mais exuberantes, alegres, sensuais e vibrantes que já conheci. Você não consegue estar perto de Marci e não sorrir. É fisicamente impossível. Já observei muitos obstinados e resmungões dedicados

tentarem manter distância perto dela, e todos falharam. Eles derretem um pouco, e pequenos sorrisos começam a surgir em seus rostos. Ela é contagiante. Perto de Marci, não tem tempo quente.

Shambhala: No livro, o jovem Ken diz sobre Chloe: "quantas coisas maravilhosamente estúpidas e vivas eu nunca teria tentado sem ela?".

KW: Sim, com certeza. Muito de Chloe é baseado em Marci. Acho que Chloe tem o mesmo efeito no livro. Quando ela está em cena, as pessoas prestam mais atenção, porque a vivacidade crua salta sobre você; é uma lufada de ar fresco. Mas Chloe também é uma esperta; ela é cínica, meio chata, assume um tipo de durona; e é também é um pouco lenta intelectualmente. Marci não é nada disso.

Shambhala: Depois de cinco, quase seis anos juntos, você e Marci estão se separando. Você nunca escondeu o fato de que está fazendo isso por causa da questão de filhos.

KW: Sim, e é muito triste. Isso é algo que Marci e eu discutimos, no mínimo, todas as semanas desde que estivemos juntos. Depois do primeiro mês em que namoramos, eu disse: "Esse será um relacionamento trágico. Vamos ficar juntos por cinco anos e depois teremos de nos separar para que você possa ter filhos." O fato é que, a essa altura – na minha idade, tenho 53 anos – simplesmente não quero ter filhos. Acho que quando Treya⁷ engravidou e tivemos que interromper a gravidez por causa de seu câncer, aquela foi a última chance nesta vida que tive para ser pai e, simplesmente, não há razão para que isso venha a acontecer agora. Mas Marci está na casa dos trinta anos e será uma mãe incrível. E nós dois sabemos que ela não será feliz – na verdade, nenhum de nós será feliz – até que tenha filhos. Isso era óbvio desde o início, e todos os nossos amigos sabiam. Ai de mim, essa previsão acabou se mostrando profética, até no número de anos.

Shambhala: Mas, de qualquer modo, vocês se casaram no ano passado.

KW: Sim, casamo-nos legalmente no ano passado. Vivemos juntos como marido e mulher por cinco anos – na minha opinião, fomos casados por cinco anos e, na verdade, não importa para mim se a cerimônia legal ocorreu no início, meio ou fim desse período. Eu quis fazer a cerimônia para celebrar o tempo que passamos juntos, uma espécie de ponto de exclamação para o relacionamento.

⁷ Treya foi a segunda esposa de Ken Wilber (a primeira foi Amy Wagner). Eles se casaram em 1983 e, ainda na lua de mel, ela foi diagnosticada com um câncer de mama extremamente agressivo, tendo uma sobrevida de cinco anos. A saga de Treya e Ken é relatada de forma sublime no livro *Graça e Coragem*. (N.T.)

Marci queria que eu me casasse com ela desde o início, e eu realmente deveria ter casado.

Shambhala: Houve questões remanescentes de Treya complicando a situação?

KW: Sim, claro. Mas, para falar a verdade, neste ponto eu estava sendo principalmente um machista idiota.

Shambhala: Vocês ainda se casariam, embora estejam, lentamente, seguindo caminhos diferentes?

KW: Sim, não apenas porque Marci queria, mas porque sinto muito orgulho dela e do que fizemos juntos nesses cinco anos. Ela deixou bem claro que desejava ser a Sra. Marci Wilber, e eu também desejava. Esses cinco anos foram de longe os anos mais produtivos de toda a minha vida. Escrevi cinco livros, editei *The Collected Works*, fundei o *Integral Institute* e ajudei a iniciar o *EcoISP*. Tudo isso aconteceu, em grande parte, por causa do espaço maravilhoso, vital e amoroso criado para nós dois pela Sra. Marci Wilber, essa fonte de Shakti. Estou orgulhoso de ela ser minha esposa.

Shambhala: Vocês estão em processo de separação agora?

KW: Sim, encontramos uma casa maravilhosa para Marci, e ela está se mudando aos poucos para lá. Estamos convertendo a casa de Boulder em um dos escritórios principais e estúdios de gravação do *Integral Institute*, onde gravaremos uma série de Seminários Integrais, começando com um apresentado por Mike Murphy, George Leonard e eu sobre "Prática Transformativa Integral", com dezenas de outros Seminários Integrais em breve, em áreas como psicologia integral, negócios integrais, ecologia integral, arte integral, espiritualidade integral, educação integral e assim por diante.

Shambhala: Você ainda ama Marci?

KW: Sim.

Shambhala: E ela ainda o ama?

KW: Sim.

Shambhala: Isso é muito triste.

KW: É terrível. É realmente terrível. E muito doloroso para nós dois. Mas quais eram nossas opções? Sabíamos, desde o início, que minha opção de não querer filhos era um obstáculo para o relacionamento. E todos os nossos amigos

também sabiam. Poderíamos ter desistido ou poderíamos ter passado cinco anos juntos e, então, enfrentar a tristeza. Graças a Deus decidimos pela última opção. Sou extremamente grato por esses cinco anos e pela vida pura que Marci nos proporcionou.

Shambhala: Acho que foi por isso que todos os seus amigos ficaram tão felizes em ver vocês juntos.

KW: Acho que sim. Nosso tempo juntos está chegando ao fim, mas não nosso amor. E Marci será a melhor mãe do mundo de todos os tempos.

Shambhala: Você não acreditaria no que algumas pessoas estão dizendo sobre o motivo da separação.

KW: Oh, claro que sim. Quando as pessoas não sabem o que realmente aconteceu, elas não têm escolha a não ser projetar suas sombras na situação e, então, descrever suas próprias sombras, e sombras são, por definição, muito estranhas. [Risos] Não estou dizendo que eu não seja estranho, apenas que quando as pessoas projetam suas estranhezas na situação, você leva duas estranhezas pelo preço de uma.⁸

Shambhala: Muito bem, de volta ao romance. Chloe é parte Marci. Já mencionamos Derek Van Cleef. Que tal Mark Jefferson? Ele é afro-americano, tem cerca de cinquenta anos, é muito atlético e tem um QI de gênio.

KW: Mark Jefferson é vagamente baseado em um bom amigo meu, um jovem negro chamado Mark Palmer – ele ainda não sabe disso, vai se surpreender. Mark é membro do *Integral Institute*, é um dos "garotos" mais incríveis que eu conheço, e um dos mais integrais. Uma nobre encarnação, ele leva vantagem sobre nós, garotos brancos e magricelas, e a combina com uma inteligência imensa e uma profundidade de realização espiritual rara em sua idade ou em qualquer idade. Ele é como meu irmão mais novo, e sei que o sentimento é recíproco. De qualquer forma, Mark Jefferson é o que eu imagino o que Mark Palmer possa vir a ser daqui a vinte anos.

Shambhala: Joan Hazelton, que tem cinquenta e poucos anos. Joan e Lesa são as vozes da sabedoria no livro. Joan é a voz de quem muitas pessoas mais sentem falta quando terminam o livro.

KW: Verdade? Onde você ouviu isso?

⁸ Posteriormente, Ken apresentou Marci a Stuart Davis, eles se casaram e tiveram duas filhas. Ken é padrinho de ambas. (N.T.)

Shambhala: De várias pessoas.

KW: Sério? Joan é a voz que fala comigo. Isso é muito difícil de explicar, mas é uma espécie de mistura de Treya e eu. Essa é a voz interna que ouço quando converso comigo mesmo. Isso não está soando muito claro.

Shambhala: Não, está bom. Mas a voz é especificamente masculina ou feminina?

KW: É andrógina, eu acho. Mas, na maior parte das vezes, é somente o tom. O tom de Joan é meu tom interno. O tom interno, não do *Eu-eu*, mas do *eu* para o *me*. Bem, isso está ainda mais confuso.

Shambhala: E essa voz está ligada a Treya no sentido...

KW: Do espaço do coração que abrimos um para o outro, que é o espaço de onde eu, principalmente, vejo o mundo; essa é a voz de "Joan". Quando escrevo essa voz interna, ela soa como Joan, mas não é nem masculina nem feminina. Não estou identificado com essa voz – não é *Eu-eu* – mas a voz neste mundo convencional, é Treya em mim, de alguma forma. Eu realmente não tenho certeza se isso ficou claro.

Shambhala: Faz muito sentido. De modo que...

KW: A propósito, esta é Joan no romance, não Joan nos Adendos. Nos Adendos, todas as vozes são reduzidas a tagarelices unidimensionais. Mesmo no romance, as vozes são estreitas e bidimensionais – afinal, elas representam a *flatland*⁹ pós-moderna – mas a voz de Joan chega mais perto.

Shambhala: Então, no romance, alguém diz ao Ken de 22 anos que, um dia, ele vai realmente conhecer uma Joan de verdade. Em outras palavras, uma Treya real. E é por isso que a voz de Joan é metade da voz de Treya...

KW: Sim, isso mesmo, mais duplicidade pós-moderna. Mas a voz é bastante genuína, ainda uma presença sincera. É a casa que Treya construiu para mim, e ainda moro nela.

⁹ Wilber extraiu este termo do livro de Edwin A. Abbott, *Flatland: A Romance of Many Dimensions*, de 1884, que trata de um mundo de duas dimensões inspirado na geometria. Em uma tradução literal: terraplana (outras traduções encontradas: uniformidade, planura, planície). *Flatland* é um dos conceitos fundamentais do pensamento wilberiano, daí por que optei por não o traduzir, pois qualquer tentativa nesse sentido enfraqueceria a ideia. Nesta tradução, ele é usado como substantivo e adjetivo. (N.T.)

Shambhala: Lesa Powel...

KW: Lesa é livremente baseada em uma mulher realmente extraordinária chamada Maureen Silos. No entanto, até onde sei, Maureen não é lésbica e tem todo tipo de características maravilhosas que não consegui incluir em Lesa. Tampouco significa que Maureen concordaria com tudo o que Lesa diz, embora eu ache que sim. Maureen é uma genuína cosmopolita – ela nasceu no Suriname, de ascendência afro-caribenha, foi educada na Holanda e em instituições ocidentais, pratica meditação oriental e é uma das pessoas mais impressionantes que já conheci. Ela é uma das cofundadoras do *Integral Institute*.

Shambhala: Lesa é claramente uma de suas personagens favoritas no livro.

KW: Com certeza. A propósito, há algumas entradas sobre Maureen em *One Taste*.

Shambhala: Margaret Carlton é baseada em alguém?

KW: Sim, mas não posso dizer.

Shambhala: Charles Morin?

KW: Sim, mas não posso dizer.

Shambhala: Já que Charles tem a sua idade e está dormindo com uma estudante que tem a idade de Marci, algumas pessoas vão dizer que Charles é de fato você.

KW: Tenho certeza. E eles vão dizer que todos os personagens podres, como Derek, são realmente eu, mas nenhum dos personagens bons, como Joan, sou eu. Eu entendo isso. De qualquer forma, não, Charles não sou eu; ou melhor, ele não é mais eu do que qualquer um dos outros personagens.

Shambhala: Carla Fuentes?

KW: Uma composição. Carla é parte hispânica e parte nativo-americana. A parte hispânica é vagamente baseada em uma professora que conheci, e a parte nativa, em minha amiga Sara Bates, que pertence ao Clã Cherokee dos Lobos. Existem várias entradas sobre Sara em *One Taste*. Mas o senso de humor de Carla é bem parecido com o meu.

Shambhala: Carla diz coisas como: "Deus, adoro sentir o perfume do pensamento politicamente incorreto pela manhã!".

KW: Sim, é algo que eu diria.

Shambhala: Muito bem, agora chegamos às "crianças", que são o foco principal do romance. O jovem Ken tem 22 anos; seus amigos são Chloe, Kim, Jonathan, Carolyn, Scott, Beth, Katish, Vanessa e alguns outros. Ah, e Stuart, é claro.

Em primeiro lugar, eles são jovens muito engraçados. Onde você achou os gracejos deles? Diálogos típicos funcionam assim:

"Falando em boomerite, Jonathan, posso antever seu obituário agora: 'acidente doido mata aspirante a autor: esmagado por um ego enorme'."

"Oh, Carolyn, Carolyn, nunca pedi muito de você, só que volte ao seu caixão antes do nascer do sol."

Esses diálogos são baseados em pessoas que você conhece?

KW: Na verdade, não. Embora haja fragmentos de vários lugares. E, claro, no espírito do pós-modernismo, tento trabalhar com material de diversos comediantes, uma típica colagem pós-moderna. Mas a maior parte é inventada.

Shambhala: No romance, a certa altura, o jovem Ken diz: "O que eu acho, diria, 'cativante', sobre toda essa escaramuça verbal – seja entre Jonathan e Chloe, ou Chloe e Carolyn, ou Scott e Carolyn, vocês escolhem – é que todos parecem expressar um certo tipo de afeto, uma estranha colisão de irreverência, ironia e amor. Às vezes. Mas isso torna quase impossível dizer quando a linha entre afeto sincero e mágoa completa foi cruzada – quando a irreverência explode em raiva – e eu pareço ser, perpetuamente, aquele que tem mais dificuldade em determinar isso; então, eu sempre intervenho, geralmente muito cedo, para separar as coisas. Isso costuma ser explicado para mim em termos igualmente cativantes – por exemplo: 'cai fora, seu brilhante idiota congênito'."

KW: O ponto é que... Bem, deixe-me dar um passo atrás. Um dos principais resultados de boomerite...

Shambhala: Ainda não dissemos ao público o que é "boomerite".

KW: Boomerite é uma versão patológica do meme Verde, mais especificamente, o Verde infectado pelo Vermelho. Em outras palavras, a principal onda de desenvolvimento após a onda racional-egoica (ou Laranja) é a onda de consciência pluralista pós-formal (Verde). Os muitos pontos positivos do Verde incluem multiculturalismo, movimentos de diversidade, consciência ecológica, direitos civis e questões de direitos humanos. Contribuições extraordinariamente importantes. Mas cada onda de desenvolvimento tem seu lado negativo ou elementos sombrios. O lado positivo do Verde é sua tentativa de tratar todos os pontos de vista de maneira justa e de não marginalizar ou excluir nenhum deles. A

desvantagem é um pluralismo *flatland* que começa dizendo que todas as visões devem ser tratadas com justiça e acaba por concluir que todas as visões devem ser tratadas da mesma forma. Esse pluralismo *flatland* apaga toda a profundidade do Kosmos – nada é mais profundo, mais elevado, mais amplo, mais integral, mais compassivo, mais cuidadoso ou mais amoroso. Tudo é simplesmente a mesma coisa nas superfícies monocromáticas da *flatland* pós-moderna. Supõe-se que isto libere todos os pontos de vista de julgamentos desagradáveis, mas, na verdade, nivela todos os pontos de vista em uma baboseira igualmente sem sentido. Quando todas as visões são iguais, nenhuma visão possui mérito.

Nessa atmosfera, você não tem permissão para acreditar em nada. A atmosfera do pós-modernismo é, portanto, uma ironia sem fim. Você diz uma coisa, quer dizer outra, mas sob nenhuma circunstância será pego abrigando, de fato, uma convicção. Essa atitude pode ser maravilhosamente engraçada – o David Letterman inicial, por exemplo, era muito atraente por causa de sua ironia sem fim. Ele falava com um convidado, e você sabia que ele não queria dizer nada do que estava dizendo – essa é a piada. Da mesma forma, com a Geração X; pense em David Spade e Janeane Garafolo: eles são realmente brilhantes, e eu amo os dois, mas eles simplesmente desconstroem qualquer coisa em sua linha de fogo. Mas NÃO espere que eles declarem qualquer tipo de valor, convicção, crença ou significado – porque em *flatland*, não existe nada disso. Ora, os *Boomers* introduziram esse pluralismo *flatland* e as gerações mais jovens – Geração X e os *Millennials* – foram criadas sob sua influência. Este é, em grande parte, o tema do romance. A Geração X lidou com essa situação adotando um tipo de atitude mais indolente. Afinal, se não vale a pena acreditar em nada, por que se esforçar por alguma coisa? Apenas abrande seu caminho através da desordem sem sentido. E os *Millennials* tenderam a prostrar-se diante dela – um tipo de Verde subjugado, se preferir. O comentário que você ouve com mais frequência de professores universitários é que não se consegue envolver esses jovens em qualquer discussão sobre os méritos de uma visão específica, porque supõe-se que todas as visões são iguais.

Isso por si só é irônico, porque foram esses professores *boomers* que começaram toda a bagunça *flatland*. E eles partiram para esse pluralismo *flatland*, em grande parte, como uma forma de desenvolver uma agenda esquerdista e promover tentativas para acabar com a opressão social – o que é ótimo. O problema é que o pluralismo não é a forma de acabar com a opressão, mas de consolidá-la, porque a noção de que todas as visões são criadas iguais torna impossível criticar o estado atual das questões sociais (por mais injustos que possam realmente ser), porque nenhuma visão deve ser superior a outra. Em vez de produzir uma geração de ativistas políticos, que é o que os *Boomers* esquerdistas esperavam fazer, na

verdade produziram uma geração de "inativistas" sociais, que não têm nenhum tipo de senso crítico em como levar adiante uma agenda verdadeiramente progressista – já que isso exigiria fazer uma série de importantes julgamentos e classificações de visões de mundo – e é isso que o pluralismo *flatland* impede. Portanto, temos uma geração mais jovem de Verde prostrado. A Geração X relaxou com toda a bagunça, e os *Millennials* a aceitaram: eles não querem criticar o sistema, eles querem ter sucesso nele. Julgamento político, arbítrio e sabedoria foram em grande parte esmagados – um dos principais legados de boomerite do pluralismo *flatland*.

Assim, sobrou ironia para as "crianças". Todas as visões são iguais e, portanto, qualquer convicção deve ser desconstruída. Os jovens de qualquer lugar herdaram uma depressão *flatland*, um Verde esmagado em movimento, ironia para todo lado.

Shambhala: Há alguns anos, sua análise teria sido recebida com bastante ceticismo. Agora, até o *New York Times* publica artigos que ecoam seus principais tópicos, direto ao ponto. Aqui estão alguns trechos:

Na verdade, a relutância dos alunos de hoje em se envolver em um debate apaixonado pode ser vista como um subproduto de um relativismo filosófico, fomentado por teorias que ganharam ascendência na academia nas últimas duas décadas e que se infiltraram na cultura mais ampla. ... Como a subjetividade [pluralista] consagra ideias que são parciais e fragmentárias por definição, ela tende a impedir pesquisas por verdades mais amplas e abrangentes, minando assim uma cultura sólida de [significado e valor].

Em vez de levar a uma aldeia global, ela criou uma infinidade de tribos autônomas – culturas de nicho nas quais pessoas com ideias semelhantes conseguem falar com pessoas com ideias semelhantes e filtrar informações que possam minar seus pontos de vista.

Ao mesmo tempo, a síndrome do debate enfraquecido reflete a sensibilidade impregnada de ironia de muitos estudantes da geração dos *Millennials*. Afinal, a ironia representa uma forma de distanciamento; como a aceitação automática e impensada das posições dos outros, é um modo defensivo que permite evitar o comprometimento e ficar acima da discussão.

A ironia também representa uma falha em se engajar totalmente com o mundo, uma falha em se testar as convicções contra a lógica e as paixões de outros. Sugere um fechamento das possibilidades de crescimento e transformação, e um repúdio ao processo de construção de consenso. "Não é um bom presságio para a prática democrática neste país", disse o professor Anderson. "Para manter a vitalidade da democracia, é importante que os alunos aprendam a integrar o debate em suas vidas e o considerem como um padrão, de forma produtiva, quando estiverem na escola." [New York Times, 23 de março de 2002]

KW: Sim, acho que o problema agora está amplamente reconhecido, mas nenhuma solução foi apresentada. Ironia por toda parte, significando lugar algum. E *Boomerite* é, em certo sentido, uma tentativa de responder à pergunta: "Além da ironia está... o quê?"

Shambhala: Daí por que, no romance, o gracejo dos jovens começa impregnado de ironia, certo? Uma desconstrução total das crenças de qualquer pessoa.

KW: Sim, isso mesmo. Eu queria que fosse engraçado, porque a ironia pode ser incrivelmente divertida. Mas também começa a parecer um anel oco. Sob todas as humilhações, existe alguma profundidade para o Kosmos? Existe alguma consciência, significado, valor, plenitude, liberdade? Então, esses diálogos simplesmente seguem em frente, uma série de frases de efeito cômicas destinadas a evitar qualquer profundidade ou paixão real – mas, ao mesmo tempo, com Stuart, por exemplo, e nas sequências fantasiosas, alguma coisa de incrível profundidade infinita tenta vir à tona.

Shambhala: Bem, começa muito engraçado. E você também pode acompanhar os jovens se afastando de qualquer convicção. Eis um diálogo típico:

"Não se aborreça com Carolyn", Chloe sorriu maliciosamente. "Ela não tem culpa de sua mãe ter ingerido 500 microgramas de LSD na noite em que foi concebida."

"Chloe – minha querida Chloe, estúpida como uma porta – que coisa feia de se falar, muito mesquinha. Minha mãe não tomou LSD ao conceber-me." Carolyn tossiu. "Foi PCP."

"Bem, isso explica tanta coisa, não é mesmo, querida?"

"Ei, vocês duas, por favor," implorei. Tinha me juntado à turma para o almoço no *Minerva*, durante o intervalo do *Centro Integral* e, como sempre, ao chegar lá, elas estavam se engalfinhando.

"Chloe, amor", Carolyn levantou os olhos de sua salada de espinafre. "Você não disse que tem que ir à biblioteca esta tarde?"

"Sim, tenho que fazer duas coisas. Primeiro, vou dar uma olhada em alguns livros e depois irei à biblioteca."

Carolyn atacou. "Chloe, achamos que chegou a hora de você saber que a maioria das bibliotecas, hoje em dia, possui livros."

"Oh, verdade?"

"Sim, praticamente todas as bibliotecas modernas possuem livros."

"Certo, isso resolve tudo, sua grande..."

"Calma, calma", interferi. "Vamos parar com isso. Parece que..."

"Diga-me, onde você esteve hoje de manhã?" Chloe perguntou-me.

"Eu? Esta manhã? Exatamente!"

"Exatamente o quê?"

"Certo. Estive fora, por aí. Reuniões. Coisas assim." Chloe olhou-me fixamente.

"Então, meu irmão mais novo, bem, não tão mais novo, tem só dois anos menos do que eu, mas somos quase como água e óleo. Ele está com dezenove anos, mas tão para baixo que vocês não podem acreditar." Scott escarafunchava algo parecido com um sanduíche de presunto. "Presunto costuma ser verde?"

"Sim", respondemos em uníssono.

"Eu também acho."

"Talvez seja a doença da vaca louca", sugeriu Jonathan. "Ou febre aftosa."

Scott atacou o sanduíche com vontade, emitindo sons exagerados de prazer. "Então, ele veio para passar o fim de semana comigo. O idiota tem uma agenda *Palm Pilot* e cada minuto do seu tempo, até nas férias, já está programado. Na verdade, ele reserva até 15 minutos por dia para passar fio dental! Não é possível que ele provenha do mesmo material genético que eu."

"A propósito, onde está esse material? Gostaríamos de desinfetá-lo."

"Eu lhe perguntei qual é a ideia atual dele de divertimento? E sabe o que ele me respondeu? Ser voluntário na ACM local."

"Não sei", Carolyn respondeu, "Acho legal. Acho o trabalho voluntário muito legal. Eu costumava ser voluntária... "

"Dando para o time de futebol antes de cada jogo?"

"Chloe, Chloe, querida Chloe, vamos..."

"Meninas, *por favor*", intervim novamente.

"Bem," Scott continuou, "vocês não vão acreditar no que meu irmão me disse em seguida."

Scott tinha dado a terceira mordida no seu sanduíche de presunto verde. "Sabem, o problema com meu irmão é como deve ter sido difícil para ele crescer. Quero dizer, hoje tendemos a pensar que todos os *gays* e *lésbicas* são 'descolados' e que isto é a coisa mais fácil do mundo. Mas aposto que apenas um em dez *gays* é realmente descolado. Nunca havia pensado sobre isso antes, até que me deparei com meu irmão. Como deve ser difícil."

Todos à mesa entreolharam-se silenciosamente; esta virada da conversa em direção a um tópico verdadeiramente sério pegou todo mundo desprevenido. E será que Scott estava falando sério mesmo ou querendo nos gozar? Nessas circunstâncias, a melhor política é o silêncio.

"E aí, pessoal? Alô!" Ele parecia ligeiramente aflito.

"Sim, deve ser terrível," Carolyn finalmente respondeu. Falamos o tempo todo sobre isso nas ciências sociais, mas, francamente, nunca atinge você até que seja com alguém próximo. Chamamos de 'marginalização'. Mas que diabo será isto, vocês sabem?"

"É quando você usa um substituto para a manteiga." Chloe fez uma careta para si mesma.

"Não estou falando de margarina, sua tonta."

"Oh, descolado, não descolado, quem dá bola para isso?", atalhou Jonathan, mas todos sabíamos que ele não estava falando sério.

Sentimo-nos tristes. Scott sorriu e mudou de assunto. "E aí, Chloe, você disse que visitou seus pais. Tudo bem com eles?"

"Tudo bem, nada de novo. Papai convidou mamãe para uma segunda lua de mel. Ela gritou: 'Oh, Deus, outra não!' e saiu correndo da sala.

"Ah, que bom saber que está tudo bem," comentei. "Eles virão aqui na próxima semana?"

"Não, minha irmã mais nova está com um problema de aprendizagem e eles irão a um novo terapeuta no fim de semana."

"Sua irmã tem problema de aprendizagem?" perguntou Jonathan.

"Só se você considerar estupidez como desordem de aprendizagem."

"A família inteira é assim, não é?" perguntou Carolyn.

"Ah, estão sendo espirituosos," respondeu Chloe, "Sabe, Carolyn, estive pensando quem poderia ter desenhado este adorável vestido comprido que você está usando. Talvez, Omar, o Fabricante de Tendas?"

"Olhe, sua besta, eu não sou gorda."

"Não é gorda? Quando os mosquitos veem você, gritam: 'Bufê!'."

"Chloe, querida, chegue mais perto para que eu possa esganá-la."

Chloe lançou-lhe um olhar endiabrado. "Um garçom lhe traz o menu, você olha e diz 'OK!'"

"Você vai ver, sua putinha..."

"Por favor, vocês duas, na hora do almoço, não. Scott está ficando verde e não sei dizer se é por causa do sanduíche ou por causa de vocês, suas víboras."

"Estou ficando verde?"

"E aí, o que vocês vão fazer esta tarde? perguntou Jonathan. "Vou ter uma aula incrivelmente infame sobre cultura popular. O nome é mais ou menos como 'Testa Alta, Testa Média, Testa Baixa: Quem Deseja Uma Surra de Testa?' Nem sei o que isto significa."

"Tem algo a ver com chicote? Chloe sorriu esperançosamente.

"Verde?"

"São estudos culturais," esclareceu Carolyn. "Você vai adorar." Ela fez uma careta. "Pelo menos, tudo o que vai ter de fazer é assistir a alguns vídeos da Madonna em vez de ler *Guerra e Paz* ou algo parecido. Scott, você não está verde. O que está acontecendo?"

Scott meneou a cabeça. "Hum, tenho hora marcada no dentista para tratar um maldito canal", respondeu melancolicamente. "Estou na dúvida se prefiro ir ao dentista ou à sua aula. Acho que ao dentista."

"Então divirta-se com seu tratamento de canal! respondeu Chloe.

"Obrigado, quem não se divertiria?"

KW: Bem, sob todas essas brincadeiras oculta-se a pergunta: "Além da ironia está... o quê?" Veja, você tem de responder a essa pergunta para livrar-se de boomerite.

Shambhala: Que resposta o romance dá?

KW: É aqui que a situação se complica um pouco. Neste mundo pós-moderno de pluralismo *flatland*, no qual nada é melhor ou pior, você não consegue dar uma resposta a essa pergunta sem ser ridicularizado no ato. Qualquer profundidade de consciência é recebida com suspeita lancinante. Um espectro de consciência está fora de questão – não pode haver graus de profundidade em nenhum lugar, apenas superfícies equivalentes flutuando em um mar de ironia sem sentido.

Então, eu tomei dois atalhos no livro, usando dois temas que são meio que evidentes e difíceis de negar, especialmente para os "jovens". À pergunta: "além da ironia, está o quê?", o romance sugere duas respostas: "além da ironia, está o Sexo" e "além da ironia, está o Êxtase".

Shambhala: Explique uma de cada vez.

KW: Bem, "além da ironia, está o Sexo" significa que, mesmo em meio ao pluralismo *flatland* e ao esmagado mundo verde, fazer sexo é, com certeza, melhor do que não fazer sexo. Portanto, você consegue introduzir furtivamente um julgamento, uma classificação de valor genuína, na situação – e uma boa classificação também. É disso que tratam as sequências fantasiosas. Em meio a um mundo em que nada tem valor especial quando comparado a tudo mais, as fantasias sexuais do jovem Ken dizem-lhe outra coisa, com uma intensidade e uma insistência absolutas que ele não consegue negar. Além da ironia, está o Sexo, e ele sabe disso. Portanto, o valor começa a se infiltrar em seu mundo *flatland* de superfícies herdadas.

Shambhala: Mas essas sequências sexuais mudam, como você ressaltou anteriormente.

KW: Sim, a ideia foi começar com sexo cru, masculino, adolescente – esse é o único ponto inegável no qual o jovem Ken consegue encontrar na palavra um valor real, um julgamento genuíno – mas, então, o ato sexual em si amadurece, por assim dizer, até que se expande muito além de um ato meramente físico, egoico, para uma paixão e compaixão por ser uno com o Kosmos inteiro, um frêmito intenso e radiante de Sabor Único em todas as direções. Assim, ele começa com algo que não

pode negar, apesar de *flatland* – ou seja, sexo – e termina com algo igualmente inegável – sua própria Face Original. E no meio – que é a história do romance – está todo o espectro de profundidade crescente, significado crescente, valor crescente, consciência crescente. Em última análise, além da ironia, está o Espírito.

Shambhala: É por isso que você disse que as sequências fantasiosas são tântricas.

KW: Sim.

Shambhala: Algumas dessas sequências de "fantasia sexual" – que estão em negrito – são as partes mais intensas de todo o livro. Aqui está uma que ocorre mais tarde, quando o impulso sexual está começando a se expandir para incluir o universo inteiro.

Chloe pega a pizza, esfrega-a inteira em seu corpo nu, sorri e diz: "O almoço está servido!"

Eu me aproximo para lambe seus seios e penetrar seu corpo; um gélido arrepio sobe por dentro de mim quando o corpo de Chloe se transforma no de Joan, que se transforma no céu infinito, brilhando em todas as direções. O atrito da pele dá lugar à unidade com o todo, um orgasmo explosivo rompe meu corpo e se derrama pelo universo, eu me dissolvo em uma chuva de felicidade que existe por toda a eternidade, uma espontânea e oculta viagem ao êxtase que ilumina um céu digital.

"Escute-me com muita atenção", o céu agora fala comigo. "Eu sou Prakriti, portal para todo o espaço, o útero em que surge toda manifestação, ingresso na carne para o Espírito que está sempre presente, aqui e agora, o Espírito que se dispõe a manifestar-se como um mundo inteiro relutante, navegando pelas ondas evolucionárias de carbono e silício na velocidade da luz. Você deseja penetrar meu corpo, ser um com meu desejo, unir-se sexualmente com minha carne, descobrir a liberação suprema – é isto que você realmente quer, não é? – transar com o infinito, sentir um orgasmo tão imenso que libere todo o cosmos – ser totalmente Livre, radicalmente Liberado, um com o Todo. Isto é o que você realmente quer; portanto, por que ser um com um corpo feminino apenas, quando você pode ser um com o cosmos inteiro, uma liberação orgástica muito além dos seus sonhos mais selvagens? Por que se ater a este monte de carne quando o infinito é seu? Ken, você está me escutando? Ken?"

"Sim, sim, estou escutando."

"Aproxime-se e toque meus seios; tudo que sentirá são nuvens. Penetre meu corpo; tudo que encontrará é a terra. Seja um comigo; é o que você deseja. Tenha um intercuro com todo o universo, alma querida, e desapareça nesta felicidade. Você me entende?"

"Acho que sim, estou tentando."

"Então, agora você está no caminho de quem você é, se simplesmente sair da frente", anuncia tranquilamente a voz do velho dentro da minha cabeça.

KW: A ideia foi começar com algumas coisas que um jovem não pode realmente negar, não importa o quanto o mundo *flatland* o esmague, e então usar isso como um portal além da ironia e rumo à profundidade. Sexo é uma coisa, e a outra, pelo menos neste romance, é Êxtase. Eles estão intimamente relacionados, mas aqui, "Êxtase" significa a droga *Ecstasy*, e a ideia foi pegar o contexto *rave* – esses jovens são *ravers* – e usá-lo como outro portal além da ironia para realidade.

Shambhala: Essa é uma jogada arriscada.

KW: Sim, com certeza. Eu pensei muito sobre isso. Por um lado, não quero enaltecer nenhum tipo de cenário de drogas e, obviamente, não desejo sugerir que alguma droga proporcionará um acesso puro a todas as ondas mais elevadas. Ainda assim, acredito que algumas drogas podem proporcionar um breve vislumbre de alguns desses estados superiores, e isso é o que é realmente atraente em um estado induzido por drogas. Então, novamente, eu queria conectar este jovem com uma realidade de profundidade e significado que já está presente no mundo dele, algo que ele não pode negar, algo que ele não pode encarar com ironia, algo que está tão além da ironia, que abre para a realidade em si.

Shambhala: Portanto, além da ironia está o Êxtase. E o Êxtase, como o Sexo, começa em suas formas cruas e inferiores – como em uma experiência real com drogas – mas evolui por todo o espectro da consciência até sua derradeira bem-aventurança natural.

KW: Sim, isso mesmo.

Shambhala: Eis outra sequência fantasiosa, mais adiante no livro, quando essa lição está começando a fazer sentido:

Mas a Terceira Camada – ou o Espírito propriamente dito – está lá o tempo todo, brilhando bem-aventuradamente, irradiando eternamente... o provocante ímpeto de felicidade de uma consciência cósmica muito perto para ser vista, enquanto me dissolvo naquela Rave infinita que é a natureza de toda a realidade, uma extática Onda de eletricidade luminosa que impulsiona o Mundo inteiro.

"Chloe, você sabia que a verdadeira razão para tomarmos *Ecstasy* e delirarmos a noite inteira é que estamos tentando contactar a Terceira Camada?"

"Ooooh, acho que vou desmaiar", ela diz, e faz exatamente isto: desmaia naquela felicidade, revirando os olhos, seu corpo nu dissolvendo-se no meu, enquanto a Onda de Delírio do Cosmos inteiro atravessa nossos corpos unidos, um arfar luzente de coisas por vir, um resplandecente vislumbre de cenas radiantes, selvagens, radicais, que relampejam em mim loucamente; o tum, tum tum do Amanhecer que chega sacode violentamente meu corpo, forçando-me a acordar...

KW: Tanto o sexo quanto o *Ecstasy* o levam de um mundo *flatland* para um mundo de profundidade e significado; e ambos, no final das contas, acabam levando da ironia à realidade.

Shambhala: Outro exemplo mais para o final:

Cada vez mais fundo em meu ser, mais distante de minha própria consciência, repousando como a Testemunha infinita de todos os mundos que surgem. Uma informidade vazia, escura, vasta, mas intrinsecamente viva, infinitamente sábia, irradiando uma luminosidade muito sutil para se ver ou até sentir, uma Liberação infinita do outro lado do terror, uma Liberdade radical além das orlas da dor, uma felicidade além da felicidade, que não pode ser sentida, e uma luz além da luz, que não pode ser vista.

"Agora, volte para mim, Ken", sussurram os olhos de céu.

E daquele Vazio infinito explode o Mundo inteiro, e eu sou inundado por um êxtase tão insuportavelmente intenso que me fragmento em milhões de almas dispersadas por ventos cósmicos, surjo como uma infinidade de estrelas translúcidas adornando o céu protetor, desapareço instantaneamente em um sol iridescente brilhando no coração de cada ser, surgindo ainda como um solo erótico dando vida a todos que anseiam. Liberdade e Plenitude inundam meu ser e encharcam o universo até seu núcleo radiante, e tudo isso é tão óbvio, tão totalmente, sofredamente, terrivelmente óbvio.

Tudo isso se desdobra nas sequências fantasiosas, enquanto, na própria narrativa, um tipo semelhante de experiência acontece com Stuart – que realmente aconteceu com ele na vida real; na verdade, ele escreveu suas próprias sequências no romance .

KW: Sim, como eu disse, tudo no livro tem uma duplicidade pós-moderna, ou uma duplicidade fato/ficção, o que o tornou muito difícil de escrever; mas acho que acaba sendo uma das coisas divertidas nele. O romance é uma espécie de sala de espelhos pós-moderna. Com exceção de que, como ressaltai, o pós-modernismo não entende sua própria piada.

Shambhala: Você sabia que os membros da Geração X estão enlouquecendo com o livro? Já o demos para uns quarenta deles, e praticamente todos disseram a mesma coisa: passei a noite inteira lendo. São 450 páginas! Como você se sente com tudo isso?

KW: Oh, acho ótimo. Eu sei que eles estão lendo, porque mal podem esperar para ver o que Chloe fará a seguir nas sequências fantasiosas. Mas acho que também estão lendo por um motivo mais profundo. Eles querem se livrar de um mundo *flatland* preguiçoso, de superfícies sem sentido por toda parte, de ironia onde deveria haver felicidade.

Shambhala: Uma das revistas "in", quentes e descoladas, quer fazer uma reportagem de capa sobre isso, intitulada "Além da Ironia Está...". Vários membros da Geração X estão por trás dessa iniciativa, uma chance de tirar os *Boomers* das suas costas. Você está pronto para isso?

KW: Não é tanto uma questão de saber se o que estou dizendo é verdade ou não; é que esse diálogo foi desaprovado pelo Verde; portanto, acho ótimo que essa discussão finalmente comece.

Shambhala: OK. Falando dos *Boomers*, isso significa que você os está abandonando?

KW: Absolutamente não. Significa simplesmente que é hora de os *Boomers* passarem do Verde para o Amarelo, do pluralismo para o integralismo, qualquer que seja o nome. E acho que muitos *Boomers* farão isso, porque já estão na Onda Verde de consciência há trinta anos e bastante cansados dela. E estão com muita fome de mais profundidade, mais consciência, mais cuidado e compaixão. Creio que há uma boa chance de que isso aconteça.

Shambhala: Você acha que o livro vai ajudar?

KW: Bem, é claro, espero que sim; mas sendo realista, coisas como livros têm pouco impacto.

Shambhala: Mas outro dia mesmo, você estava elaborando a estrutura do livro e como ele poderia ajudar pessoas a passar do Verde para o Amarelo.

KW: Bem, o que eu realmente disse é que esperava que sim, e que o escrevi com uma fluência específica que pudesse ajudar nisso. Mas a gente nunca sabe, sabe?

Shambhala: O que você quer dizer com "uma fluência específica"?

KW: Presumi que muitos leitores estariam "prontos a transcender o Verde". Ou seja, eles ainda estavam identificados ou ligados à Onda Verde, mas estavam prontos para transcender do Verde para o Amarelo, ou seja, para a Segunda Camada. Assim, cada capítulo foi projetado para atingir essa identificação com o Verde de um ângulo diferente. Sendo mais específico, você critica o Verde de várias formas. Somente alguém identificado com os valores verdes ficará realmente incomodado quando você fizer isso. Se você continuar criticando essas pessoas muito boas, elas, finalmente, começarão a notar, não como você é uma pessoa desprezível, mas como estão identificadas e apegadas a essa onda.

Shambhala: Assim, o livro critica o Verde.

KW: Bem, ele começa criticando o Verde, sim. Na vida real, isso é algo que comecei a fazer na época de *Sexo, Ecologia, Espiritualidade*. Entendo que é uma postura polêmica. Em geral, você pode perceber uma mudança de tom na minha escrita quando se trata do Meme Verde Mau (e.g., "Participatory Samsara: The Green-Meme Approach to the Mystery of the Divine"¹⁰). Mas esse tom ofensivo não é como eu me expesso normalmente, ou no restante dos meus escritos. Mais uma vez, percebo que isso é bem controverso e posso estar profundamente enganado quanto à sua utilidade a longo prazo.

Enfim, no livro fica mais fácil e claro, porque ele começa criticando o Verde, mas, no final, muda de postura e o acolhe apaixonadamente em um abraço integral.

Shambhala: Então, por que começar criticando o Verde?

KW: Para tornar essa estrutura subjetiva mais objetiva. Ou seja, fazer as pessoas perceberem a Onda Verde em si mesmas, ao invés de usá-la para perceber o mundo. No desenvolvimento, como Bob Kegan sempre ressalta, o sujeito de um estágio de desenvolvimento torna-se o objeto do sujeito do estágio seguinte. Portanto, se você consegue perceber o Verde em si mesmo, está começando a ir além do Verde... e para a Segunda Camada Integral.

Desse modo, cada um dos capítulos do *Boomerite* aproxima-se do Verde de um ângulo diferente e o critica de um ângulo diferente, para, esperançosamente, ampliar os contornos da consciência e facilitar o desapego. Então, no final do romance, tudo se resolve com um abraço integral, que é o que o Verde mais profundamente deseja de qualquer maneira.

Shambhala: Então, o livro foi elaborado para ajudar as pessoas a se desidentificarem do Verde. E, a seguir, integrá-lo.

KW: É o que eu espero, sim. Mas acho que só funcionará para aqueles "prontos a transcender o Verde". Aqueles que ainda estão profundamente identificados com a Onda Verde ficarão muito zangados e descontentes comigo, e escreverão toneladas de textos de como sou um idiota arrogante. "Acima de tudo, muito me preocupa o que seu tom nos diz sobre seu próprio desenvolvimento, sua falta de sentimentos, sua compreensão meramente intelectual e desincorporada da espiritualidade, sua tentativa de forçar seus esquemas universalistas e absolutistas a todo mundo..."

Shambhala: Sim, já ouvimos isso antes. Essas críticas o aborrecem?

¹⁰ "Samsara Participativo", Adendo F do romance *Boomerite* de Ken Wilber, publicado em www.ariraynsford.com.br. (N.T.)

KW: Pessoalmente? Claro. Bastante. Elas são completamente compreensíveis porque eu, deliberadamente, as incitei. Mas não quero que essas pessoas me odeiem. Quero que elas percebam por que me odeiam. Por que ficam tão contrariadas? Que valores estão sendo ameaçados? Tento fazer isso no meu caso, e nem sempre consigo, mas é realmente a única questão realmente importante. Não por que fulano é um idiota tão arrogante, mas por que isso me incomoda tanto?

Shambhala: O livro tenta conduzir as pessoas através dessa questão para chegar ao outro lado...

KW: Essa é a esperança, de qualquer maneira. Portanto, além de todas as outras coisas que acontecem no livro, cada capítulo foca um item específico que foi infectado pelo Verde aplainado – infectado pelo pluralismo *flatland*, por boomerite – e olha para esse item de tantos ângulos quanto possível. Alguns de forma neutra, outros de forma deliberadamente incendiária, de modo a ajudar na desidentificação.

Shambhala: Esses itens incluem novos paradigmas, desconstrução, abduções por OVNI, os cem macacos, Foucault, Derrida, pós-estruturalismo, genealogia, patriarcado, a mente indígena, o Iluminismo ocidental, os movimentos ecológicos, feminismo, astrologia, pluralismo participativo, para citar alguns.

KW: A ideia é tentar mostrar que esses movimentos, embora possam ter começado com o Verde sadio, logo se tornaram o refúgio do Verde *flatland*, de boomerite, e os danos que causaram quase superaram as vantagens. Então, sim, parte do que acontece enquanto Stuart passa por uma profunda transformação além do Verde, além do pluralismo e da ironia – que é o verdadeiro cerne do romance – são essas discussões de fundo sobre todos os itens que você mencionou, entrelaçadas com outras narrativas e duplicidades pós-modernas.

Shambhala: É aí que o material acadêmico do primeiro livro se encaixa.

KW: Sim, isso mesmo. O material acadêmico foi estruturado como uma "sessão de terapia", por assim dizer, para ajudar as pessoas a se desidentificarem do Verde e, dessa forma, estarem prontas para ir além do pluralismo *flatland* e da ironia sem fim.

Shambhala: Você acha que funcionará?

KW: Sinceramente, não sei. Como eu disse, espero que sim. Eu diria pelo menos isso. Se você já simpatiza com uma visão mais Integral e gostaria de alguma ajuda para continuar a ir além do Verde – isto é, transcender e incluir o Verde –

então eu acho que o livro certamente irá guiá-lo através do Verde para o outro lado. Mas se você não estiver aberto a nada disso desde o início, não, não acho que vá se convencer.

Shambhala: Mas o livro não apenas ajuda a ir além do Verde; é um pequeno manual para a realização tântrica do Sabor Único.

KW: Isso também é uma esperança, sim.

Shambhala: OK, vamos encerrar com algumas observações. Se realmente olhar para tudo isso, o que você fez foi basicamente escrever *Boomerite* e o *Volume 3 da Trilogia Kosmos* em uma longa assentada. Como você disse, cerca de 1200 páginas ao todo – 450 páginas do romance e 800 páginas do material restante. Isso está certo?

KW: Nunca pensei dessa forma, mas sim, acho que foi assim que se deu esse processo.

Shambhala: Então, como você vê essa conclusão geral em sua mente? Esses dois livros juntos são uma espécie de formidável *gestalt* que diz algo? Diz o quê?

KW: Oh, entendo, uma pergunta fácil no final. [Rindo] Acho que a única frase que resume tudo é a que usamos anteriormente: Além da Ironia Está...

Parece-me que o modo como se preenche essa lacuna é como se responde à notável questão filosófica da Era Pós-moderna. *Boomerite* é uma tentativa de diagnosticar o problema. *Uma Teoria de Tudo*, bem, na verdade, quase todos os meus outros livros são uma tentativa de dar uma versão de uma resposta, um prognóstico de um futuro mais integral. O *Volume 3* é apenas uma forma acadêmica de enquadrar a resposta de modo a escapar da ironia pós-moderna e da negação da profundidade, mas a resposta genuína é encontrada exatamente como Stuart o fez: na transformação radiante do coração amoroso que se abre para o infinito e nunca olha para trás, exceto para abraçar todos os seres sencientes com uma equanimidade apaixonada que ofusca a contração do ego neste e em todos os momentos. Porque além da ironia está... você. Além da ironia está sua própria Face Original, brilhando aqui e agora...